

'Temos de superar mentalidade choraminguêira'

FHC - Domingo 3 OUT 1996 ESTADO DE SÃO PAULO

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de lançamento do Projeto de Reforço da Reorganização do Sistema Único de Saúde (Reforsus):

Mais uma vez o ministro Jatene mostrou, com a clareza e com a informação de que ele dispõe, o rumo que o ministério está dando à questão da saúde no Brasil. Eu atribuo grande significado, não apenas a este ato de hoje, a esta reunião que, na verdade, visa mostrar um esforço grande, num determinado setor da saúde, mas à mudança geral, que nós estamos provocando na área da saúde, assim como estamos provocando na área da educação e em vários outros setores sociais do Brasil.

Nós, hoje, temos um grande desafio, que não é só brasileiro. Ainda ontem, o ministro Jatene, em conversa comigo, chamava a atenção para o fato de que o desafio do mundo contemporâneo — e para o qual o Brasil pode, que sabe, contribuir de forma decisiva — é o da universalização dos serviços sociais básicos.

Esse é o desafio fundamental que nós temos de enfrentar. Nós já enfrentamos outros, que eram necessários, para que nós pudéssemos, hoje, descortinar um futuro mais tranquilo e a capacidade de termos rumo nas áreas sociais.

Enfrentamos a inflação e estamos ganhando — o ministro Malan não deixa que eu diga que já ganhamos — a batalha contra a inflação. Era condição fundamental para que nós pudéssemos ter a possibilidade de planejar o futuro e de orientar as nossas prioridades e os nossos recursos de uma forma mais efetiva.

Nós estamos retomando o crescimento da nossa economia, de uma maneira sólida, sem termos cedido às pressões demagógicas para irmos depressa, quando não havia condições, ou para darmos facilidades que custariam caro ao povo. Não cedemos.

Agora já é possível, também, descortinar o que já se está fazendo, naquilo que é o fundamental,

é que é a contribuição que o ministro Jatene requeria ontem, do presidente e do País, que é a da universalização dos serviços sociais básicos, porque isso é a democracia na prática.

Não se trata, pura e simplesmente, de agir topicamente e resolver uma questão aqui e outra acolá. Não. É ter uma concepção que permita assegurar ao País e a sua população que as coisas vão melhorar, concretamente, para cada um dos brasileiros.

É esse o caminho que nós estamos, agora, implementando. Nós agora estamos implementando, na área da saúde, aquilo que é essencial: uma remodelação do modo como o governo, o Estado, a administração lidam com a população, com as organizações das outras esferas de governo, os Estados, os municípios e a sociedade civil.

Nós estamos, progressivamente, fazendo com que haja um processo de participação crescente da comunidade local, das autoridades locais e do Ministério da Saúde, no encaminhamento das questões. Isso é o que se chama democratização do Estado. Fácil de falar e difícil de fazer. E que não se faz com demagogia. Faz-se com medidas consequentes, com equilíbrio, com capacidade negociadora, com a provisão dos recursos — os que existem, porque prover recursos que não existem é demagogia, ou é provocar a inflação. Mas é o que nós estamos fazendo.

Nós, hoje, já estamos em condições. E o ministro Jatene, em várias oportunidades, mostrou as transformações que estão sendo operadas, na área de atendimento da população, e sobretudo da população mais pobre.

Aqui, neste momento foi feita referência às equipes básicas, de médico de família. Isso é fundamental. As equipes familiares, de assistência familiar. Isso é fundamental. Porque isso é o que muda, efetivamente, junto com os agentes comunitários de saúde, a condição de vida do povo. É o que diminui a mortalidade infantil; é o que melhora a condição de nutri-

ção da mãe e da criança; e é o que diminui, depois, o atendimento ambulatorial e o atendimento hospitalar. É esse o caminho que nós temos de trilhar, que é o caminho que permite, efetivamente, que o conjunto da população tenha uma melhoria, e que é compatível, também, com os nossos recursos.

E, mais ainda, disse o ministro Jatene que nós estamos reequipando os laboratórios públicos. Isso também é muito importante. Outro dia, conversando com o dr. Carlini — que me deu a honra da companhia por alguns instantes — pude verificar o que é importante, o que é necessário e o que falta, nessa matéria. A falta não é falta minha, deste governo, é falta histórica. E, como disse muito bem o ministro Jatene, Santa Genoveva é explosão, no presente, de descuido, no passado. E nós estamos cuidando, no presente, de resolver o que não se resolveu no passado e delineando um caminho de futuro que evite males dessa mesma natureza.

Pois bem, estamos equipando laboratórios públicos. Nós estamos dando mais atenção aos hospitais públicos, e isso é fundamental. Porque nós, num país como o nosso, não podemos ter ilusão: ou bem nós dispomos no serviço público e no serviço filantrópico de condições necessárias, para que a população tenha acesso ao bem fundamental que é a saúde, ou não há de ser através do sistema privado que nós vamos resolver esses problemas. Porque eles são fundamentais para complementar, eles são fundamentais para que aqueles que tenham recursos possam ser atendidos. Mas eles vão ser, cada vez mais, insuficientes para atendimento da população no que é básico. Essa vai depender do SUS, e o SUS dependerá, cada vez mais, de colocar em bom estado os serviços públicos.

Não por acaso o ministro Jatene, com o apoio da área econômica — e eu me referi aqui, também, ao ministro Serra, que negociou, no passado, como o ministro Kandir e o ministro Malan — está negociando no presente a questão

dos recursos do Banco Mundial e do BID para que nós pudéssemos recomeçar a retomar a questão dos equipamentos hospitalares básicos.

E disso tudo, o que lá me alegrou, porque eu conversei detalhadamente com o ministro ontem, é o modo pelo qual essa alocação de recursos foi feita. Negociando com os secretários de Estado; fazendo ver aos secretários de Estado e ao próprio ministério que não adianta pensar em recursos que não existem, porque não adianta só sonhar, é preciso sonhar, mas preciso também que não fiquemos simplesmente no sonho. É preciso que nós façamos um caminho que leve até objetivos que sejam objetivos bons para a população. Foi o que foi feito.

Foram redefinidos os critérios de distribuição dos recursos para os Estados e foram feitas seleções necessárias das obras em cada um dos Estados, tendo em vista a compatibilidade com os recursos. São trezentas e trinta e poucas obras que vão ser feitas, terminadas, equipamentos que serão postos à disposição da população com um critério objetivo. Aqui não se perguntou qual é o partido do governador, até porque é um leque muito bom. Pelo menos, refresca o ambiente do Planalto. Não se perguntou o partido do governador ou do prefeito. Nunca se perguntou isso. O que se perguntou foi sobre a saúde da população. O que se perguntou foi a necessidade efetiva da população. É uma outra mentalidade. E não se fez isso utilizando os expedientes clientelísticos, da influência de 'A', de 'B' ou de 'C' para obter tal ou qual voto. Não. Fez-se isso com critérios absolutamente racionais, negociados, públicos e abertos. E se está prestando muito atenção — como disse o ministro e eu apenas repito — aquilo que é realmente essencial. Que é o gerenciamento (...) de uma mentalidade nova no gerenciamento e o apoio do Ministério de Ciência e Tecnologia no que diz respeito às matérias pertinentes aos laboratórios, ou seja, uma solidariedade das várias instituições governa-

mentais, para que nós possamos efetivamente manejar com um programa sustentável.

Acho que isso já mostra ao País que, também na saúde, nós temos um rumo novo. E que esse rumo é o rumo que orgulha o Brasil. Nós, hoje, podemos dizer que, à nossa moda, estamos retomando práticas. Algumas foram feitas pelos cubanos e nós a utilizamos aqui. Outras vêm de outras experiências e nós a utilizamos aqui, porque não temos nenhuma restrição a aproveitar o que é bom dos outros países mas, sobretudo, nós estamos inventando um caminho que é nosso, que é esse caminho de uma convergência ao redor de objetivos claramente estatuídos e claramente aceitos pela população e que implica muita negociação nos vários níveis de governo e com a sociedade civil.

Nós sabemos que o Ministério da Saúde está empenhado noutros procedimentos também importantes. Creio que, dentro de pouco tempo, o ministro Jatene fará um balanço dos avanços no combate ao (...) que é questão relativa ao dengue hemorrágico, que é uma preocupação que está, realmente, assolando aí várias partes da nossa América e também tem repercussões no Brasil. O Brasil, nessa matéria, tem uma experiência que pode ser até compartilhada por outros povos. É a nossa capacidade de fazer essas campanhas massivas de vacinação, de combate ao dengue, de combate a várias endemias. Isso também é uma coisa muito importante, que só pode existir quando a sociedade é livre, quando a imprensa e os meios de comunicação de alguma maneira se juntam ao esforço, que não é do governo apenas, que é da população para corrigir os seus males. Só nessas condições é que isso produz resultados. E nós estamos produzindo resultados efetivos nessa matéria também.

Finalizo dizendo que, se insisto no lado positivo das coisas, é porque é o meu dever mostrar que este país tem futuro. Esse futuro não é o futuro apenas dos poderosos, não é o futuro apenas dos ri-

cos, não. É o futuro para a nação. Este país cuida da estabilização da moeda, cuida do desenvolvimento e cuida também, principalmente, dos recursos que são destinados — podem ser em quaisquer dos nossos orçamentos — para as áreas sociais. Mas isso não quer dizer que o presidente não saiba das deficiências, da existência, muitas vezes, do recurso que ainda é escasso, das dificuldades burocráticas que existem, e existem em grande quantidade, da necessidade de concentrar ainda mais esforços em objetivos que sejam, realmente, aqueles que atendem a população. Nós todos sabemos disso. Mas nós não podemos viver sempre em círculo como peru na véspera de Natal, ao redor das nossas dificuldades. Nós temos de superar essa mentalidade apenas choraminguêira para ir para uma mentalidade afirmativa, sem que estejamos a nos blasonar de que resolvemos tudo e sabemos tudo, mas com confiança de que, sim, nós dispomos de um rumo, e este rumo, hoje, tem o apoio, tem sustentação, porque não é um rumo que vise alguma coisa de tipo apenas pessoal ou partidário, ou apenas para servir uma camada, mas é um rumo que é crescentemente um rumo nacional.

Eu quero dar meus parabéns ao ministro Jatene, a todos aqueles que cooperaram dentro e fora do governo para que nós pudéssemos retomar esse grande... o enfrentamento das grandes necessidades da saúde brasileira e quero dizer que eu tenho convicção de que, daqui para a frente será melhor, e não pior, e que o ano que vem teremos mais, e não menos recursos, e que nós fomos capazes de utilizar os nossos recursos dentro das prioridades e com um espírito democrático, eles vão render mais do que a mera soma aritmética deles.

Eu quero dar parabéns especialmente ao ministro Jatene, porque foi capaz de travar batalhas duríssimas para mostrar que é importante manter a saúde em primeiro lugar.

Muito obrigado aos senhores.